

Duas crônicas e meia

Manuel Bandeira

Apresentação de DECIO DE ALMEIDA PRADO

Manuel Bandeira, em suas Crônicas da Provincia do Brasil, evocou por mais de uma vez a atmosfera de certa boemia carioca que reunia, frequentemente em torno da música popular, desde Catulo da Paixão Cearense até Vila-Lobos, desde Sinhô até Tomás Terán, famoso violonista uruguaio. Reproduzimos aqui em sua totalidade duas dessas crônicas, dedicadas ambas a Sinhô, e uma terceira apenas pela metade - o suficiente para reviver o ambiente, animado pelo violão e regado a conhaque, em que, no dizer do poeta, ligavam-se "os poetas, os artistas, a sociedade fina e culta às camadas profundas da ralé urbana".

CRÔNICAS DA PROVÍNCIA DO BRASIL, Manuel Bandeira, Editora Civilização Brasileira, 1937, 120 pp.

Na câmara-ardente de José do Patrocínio Filho

A igreia do Rosário dos Pretos tem aspecto despoiado e paupérrimo. É tatvez a nave mais triste do Rio, porque com ser nua e modesta é bem grande e faz pensar na frase de Burton, a quem as igrejas brasileiras davam a impressão de huge bams, celeiros ou paióis enormes. Ele dizia isso a propósito das belas igrejas mineiras do Aleijadinho, Na igreja do Rosário dos Pretos a impressão de Burton é justa.

Ali esteve exposto em câmara-ardente o corpo de José Carlos do Patrocínio Filho, o Zeca Patrocínio. Estive lá depois de meia-noite e demorei-me uma hora vendo os círios arder e ouvindo a conversa de amigos que recordavam casos da vida agitada e boêmia do extinto, J. B. Silva, o Sinhô dos sambas estupendos, (não arredara pé dali) me contava o fim de uma noitada em que o Zeca o intimou com um navalhão cheio de dentes a fazer uma serenata sob as janelas da atriz Lia Binatti.

Quem tivesse encontrado uma vez com o Zeca tínha uma história engracada para contar. Eu conheci-o ultimamente, numa farra em certa casa inconfessável da rua Riachuelo, Estava lá o Vila-Lobos, o Ovale, o João Pernambuco, o Catulo. O violão passava de mão em mão, porque todos tocavam. Catulo estava impossível. Bebera cerveja de mais e deu para declamar poemas. Nós queríamos que ele cantasse umas modinhas, bem bestas, bem pernósticas, como "A tua coma", ou "Clélia, adeus!" ou "Talento e formosura". Mas o bardo estava em maré de grandeza e dizia muito sério a duas belezas venais:

- "Minhas senhoras, eu tenho sessenta anos e já li todos os grandes poemas de todas as literaturas; li todo o Homero, todo o Virgilio; li Goethe, Shakespeare, Ariosto: nunca encontrei nada como este poema da minha lavra que vou lhes recitar!"



Bandeira; crayon de Lasar Segali

Quando ele puxava o pigarro para começar e a versalhada parecia inevitável, o Zeca salvava a situação:

- Ó Catulo, canta aquela modinha!
- Que modinha?
- Aquela em que você compara um pé a um pensamento de Pascal.

E como Catulo estava por conta da cerveja, esquecia imediatamente o poema e cantava a modinha pedida.



Manuel Bandeira e Marta Rocha, Miss Brasil, Rio, 1954

O enterro de Sinhô

J. B. Silva, o popular Sinhô dos mais deliciosos sambas cariocas, era um desses homens que ainda morrendo da morte mais natural deste mundo dão a todos a impressão de que morreram de acidente. Zeca Patrocínio, que o adorava e com quem ele tinha grandes afinidades de temperamento, era assim também: descarnado, lívido, frangalho de gente, mas sempre fagueiro, vivaz, agilíssimo, dir-se-ia um moribundo galvanizado provisoriamente para uma farra. Que doença era a sua? Parecia um tísico nas últimas. Diziam que tinha muita sífilis. Certamente o rim estava em pantanas. Fígado escangalhado. Ouvia-se de vez em quando que o Zeca estava morrendo. Ora em Paris, ora em Todos os Santos, subúrbio da Central. E de repente, na Avenida, a gente encontrava o Zeca às três da madrugada, de *smoking*, no auge da excitação e da verve. Assim me aconteceu uma vez, e o que o punha tão excitado naquela ocasião era precisamente a última marcha carnavalesca de Sinhô, o famoso "Claudionor"...

"que pra sustentar família foi bancar o estivador..."

Me apresentaram a Sinhô na câmara-ardente do Zeca. Foi na pobre nave da igreja dos pretos do Rosário. Sinhô tinha passado o dia alí, era mais de meia-noite, la passar a noite ali e não parava de evocar a figura do amigo extinto, contava aventuras comuns, espinafrava tudo quanto era músico e poeta, estava danado naquela época com o Vila e o Catulo, poeta era ele, músico era ele. Que língua desgraçada! Que vaidade! mas a gente não podia deixar de gostar dele desde logo, pelo menos os que são sensíveis ao sabor da qualidade carioca. O que há de mais povo e de mais carioca tinha em Sinhô a sua personificação mais típica, mais genuína e mais profunda. De quando em quando, no meio de uma porção de toadas que todas eram camaradas e frescas como as manhãs dos nossos suburbiozinhos humildes, vinha de Sinhô um samba definitivo, um "Claudionor", um "Jura", com um "beijo puro na catedral do amor", enfim uma dessas coisas incríveis que pareciam descer dos morros lendários da cidade, Favela, Salgueiro, Mangueira, São Carlos, fina flor extrema da malandragem carioca mais inteligente e mais herôica... Sinhô!

Ele era o traço mais expressivo ligando os poetas, os artistas, a sociedade fina e culta às camadas profundas da ralé urbana. Daf a fascinação que despertava em toda a gente quando levado a um salão.

Vi-o pela última vez em casa de Alvaro Moreyra. Sinhô cantou, se acompanhando, o "Não posso mais, meu bem, não posso mais", que havia composto na madrugada daquele dia, de volta de uma farra. Estava quase inteiramente afônico. Tossia muito e corrigia a tosse bebendo boas lambadas de Madeira R. Repetiu-se a toada um sem número de vezes. Todos nós secundávamos em coro. Terán, que estava presente, ficou encantado.

Não faz uma semana eu estava em casa de um amigo onde se esperava a chegada de Sinhô para cantar ao violão. Sinhô não veio. Devia estar na rua ou no fundo de alguma casa de música, cantando ou contando vantagem, ou então em algum botequim. Em casa é que não estaria; em casa, de cama, é que não estaria. Sinhô tinha que morrer como morreu, para que a sua morte fosse o que foi: um episôdio de rua, como um desastre de automôvel. Vinha numa barca da Ilha do Governador para a cidade, teve uma hemoptise fulminante e acabou.

Seu corpo foi levado para o necrotério do Hospital Hahnemaniano, ali no coração do Estácio, perto do Mangue, à vista dos morros lendários... A capelinha branca era muito exígua para conter todos quantos queríam bem ao Sinhô, tudo gente simples, malandros, soldados, marinheiros, donas de *rendez-vouz* baratos, meretrizes, *chauffeurs*, macumbeiros (lá estava o velho Oxunã da Praça Onze, um preto de dois metros de altura com uma belida num olho), todos os sambistas de fama, os pretinhos dos choros dos botequins das ruas Júlio do Carmo e Benedito Hipólito, mulheres dos morros, baianas de tabuleiro, vendedores de modinhas... Essa gente não se veste toda de preto. O gosto pela cor persiste deliciosamente mesmo na hora do enterro. Há prostitutazinhas em tecido opala vermelho. Aquele preto, famanaz do pinho, traja uma fatiota clara absolutamente incrível. As flores estão num botequim em frente, prolongamento da câmara-ardente. Bebe-se desbragadamente. Um vaivém incessante da capela para o botequím. Os amigos repetem piadas do morto, assobiam ou cantarolam os sambas ("tu te lembra daquele choro?"). No cinema da rua Frei Caneca um bruto cartaz anunciava "A última canção" de Al Johnson. Um dos presentes comenta a coincidência. O Chico da Baiana vai trocar de automóvel e volta com um *landaulet* que parece de casamento e onde toma assento a família de Sinhô. A Pérola Negra, bai-

J. B. Silva, o "Sinhô", em traço de Alvarus. Note-se o semblante arguto e a elegância do "popularíssimo rei do samba"



Dezembro/Janeiro e Fevereiro/1990 Revista () - 75



Capa de "Jura", o maior sucesso de Sinhō (Arquivos Almirante – Museu da Imagem e do Som)

larina da companhia preta, assume atitudes de estrela. Não tem ali ninguém para quebrar aquele quadro de costumes cariocas, seguramente o mais genuíno que já se viu na vida da cidade: a dor simples, natural, ingênua de um povo cantador e macumbeiro em torno do corpo do companheiro que durante tantos anos foi por excelência intérprete de sua alma estóica, sensual, carnavalesca.

SAMBISTAS

Quando morreu o afamado Sinho, escrevi para o Diário Nacional de São Paulo uma crônica em que recordava com saudade alguns tracos curiosos da figura do rei do samba carioca. E contei uma cena a que tive o prazer de assistir em casa dos meus amigos Eugênia e Álvaro Moreyra. Foi o caso que numa das extintas deliciosas guintas-feiras em que o casal recebia, apareceu o Sinhô e regalou os convidados não só com a sua conversação como com os seus sambas. Estava mal de voz, tossia muito (era a velha tuberculose que apertava o cerco), mas nenhum de nos teve a menor idéia de atribuir aquela tosse à terrível moléstia e, como era do mais elementar dever, poupar o doente. O que nos desculpa daqueta descaridade é que Sinhô para toda a gente era uma criatura fabulosa vivendo no mundo noturno do samba, zona impossível de localizar com precisão, - é no Estácio mas bem perto ficam as macumbas do Encantado, mundo onde a impressão que se tem é que ali o pessoal vive de brisa, cura a tosse com álcool e desgraça pouca é bobagem. Assim, quando Sinhô parava num acesso, ia-se buscar uma boa lambada de Madeira e o fato é que a tosse passava.

A acreditar no Sinhō, ele não tinha dormido na noite da véspera. Passara-a numa farra, e naquela manhá mesmo, ao regressar a casa, não fora bem recebido pelo seu bem, que naturalmente estava ralado de ciúmes. Contou Sinhô que foi então para o piano e improvisou um samba que entoou para nós ainda com as hesitações das coisas inacabadas. Era gostosíssimo e parecia do melhor Sinhô. (Ninguém duvidou que fosse dele). Lembro-me bem da toada e da letra do estribilho:

Já é demais. Meu bem, já é demais! Eu já notei que tu queres me acabar...

Fizemos o Sinhô repetir a toada um sem número de vezes. Todos os presentes já a sabiam de cor e secundavam em coro quando chegava a hora do "já é demais". Foi isso em fins de 29,

Hå pouco mais de um mês um amigo meu, que se interessa atualmente por modinhas policiais, pediu-me umas informações, e para servi-lo andei correndo os olhos na literatura de cordel. Fui à toa à Praca Tiradentes onde sob as arcadas do antigo S. Pedro havia um vasto estenderete do gênero. O café da esquina da rua das Marrecas estava em demolição, Mas passando por lá de bonde verifiquei que nos andaimes da reconstrução os cordelinhos do engraxate resistiam bravamente à poeira. Lá pude arranjar uma pequena coleção de "lyras" que remontavam até 1927.

Vim para casa e correndo a vista por aquelas páginas suifssimas deparei num dos cademos com o título "Já é demais". Abaixo dele vinha a informação: "Letra e música de seu Candu". Ora, lá estava o estribilho do samba de Sinhô:

Já é demais, meu bem Meu bem já é demais! E hoje já notei Que tu queres me acabar...

Verifiquei logo que o plágio não podia ser de seu Candu, porque a publicação era de 1927 (editor Menotti Camaval, depósito rua General Pedra 169) e de resto havia ainda a indicação abaixo do título de que o "Já é demais" era choro do carnaval de 1925, o que estava aliás provadíssimo pelo contexto da letra todo cheio de alusões aos fatos revolucionários de 24;

Lá no morro de S. Carlos E' lugar de pretensão. Já botaram metralhadoras P'ra brigar com aviação.

Arraedo da notassi arrefutadarina Sera Marie Lina, na popular comedia shorte tirandes no Thesiro Casino

(A MAÇĂ PROHIBIDA)

Version do printa DR. BASTON TIGHT

Musica de J B SILVA (Sinho)



SINHÔ O POPULARISSIMO REI DO SAMBA

Capa de "Casino-Maxixe", com a caricatura de Sinhô feita por Kalixto, onde se lé: "Sinhô, o popularíssimo rei do samba"

Nº 0671



Ainda não pude descobrir quem conhecesse a toada do choro de seu Candu. Em todo caso está claro que Sinhô avançou no refrão de seu Candu.

Isso tudo me fez refletir como é difícil apurar afinal de contas a autoria desses sambas cariocas que brotam não se sabe donde. Muitas vezes a gente está certo que vem de um Sinhô, que é majestade, mas a verdade é que o autor é seu Candu, que ninguém conhece.

E afinal quem sabe lá se é mesmo de seu Candu? Possivelmente atrâs de seu Candu estará o que não deixou vestígio de nome no samba que toda a cidade vai cantar. E o mais acertado é dizer que quem fez estes choros tão gostosos não é A nem B, nem Sinhô nem Donga: é o carioca, isto é, um sujeito nascido no Espírito Santo ou em Belém do Pará.